

10 MAI 2000

CORREIO BRAZILIENSE

DE - comércio
PLANO PILOTO

Comerciantes querem mais segurança e taxa menor

João Luiz Marcondes

Da equipe do **Correio**

Quais os maiores problemas dos microempresários nas quadras comerciais do Plano Piloto? A Associação Comercial do Distrito Federal (ACDF) resolveu fazer a pergunta de boca em boca, com o programa *Olá, Empresário!* O presidente da ACDF, Carlos Magno de Melo, e o administrador do Plano Piloto, Eurípedes Leôncio Carneiro, visitaram ontem a quadra 204 sul. Foi a 29ª do programa, iniciado em agosto, que pretende passar por 142 em um ano.

Ora com sorrisos descrescentes, ora com inibição e irritação, os comerciantes (donos de padarias, importadoras, botecos, lojas de roupas) despejaram suas lamúrias em cima de Melo e, principalmente, do administrador Carneiro. Apesar dos resultados ainda não terem sido contabilizados, o presidente da ACDF adianta os cinco tópicos que mais afligem o empresariado. Em ordem de prioridade: segurança, falta de estacionamento, comércio informal, limpeza e taxa (alta) de ocupação de área pública. "95% reclamam de segurança e 70% da falta de estacionamento", adianta Carlos de Melo.

Alguns comerciantes reclamam da taxa de ocupação de área pública sem mesmo pagar pelo uso. É o caso de Francisco Gurgel Jacome, dono de uma pequena distribuidora de bebidas. "Já pago caro pelo IPTU. Se (a taxa) fosse pequena, todo mundo ia querer pagar", justifica Jacome. Ele paga R\$ 1.521,00 pelo IPTU. Segundo Carneiro, o prejuízo mensal do governo é de R\$ 3 milhões por esse tipo de inadimplência.

SEGURANÇA

Mas os problemas de impostos não preocupam tanto quanto a segurança. Só nos dois últimos meses do ano passado, o marido de Miriam Conti, dona da padaria que leva seu nome, teve revólveres apontados para sua cabeça duas vezes. Há falta de policiamento. "Escurece e eles (os policiais) vão embora, enquanto ficamos esperando o ladrão", brinca Miriam.

Para frear os marginais, os empresários da 204 Sul resolveram bancar a segurança por conta própria. Cada um desembolsa R\$ 50 por mês para que três vigilantes se revezem na segurança. "É estranho pagar por um serviço que deveria ser feito pelo governo, mas é melhor que ser assaltado", raciona Márcio Fontenele, dono da locadora Lucky e Taty.

A maior queixa de Matchiko Sumiya, dona de uma importadora de produtos orientais, é outra: estacionamento. "Tem loja com trinta funcionários. Todos estacionam em frente, e não sobra vaga para os fregueses", protesta. Segundo as contas da ACDF, existe um déficit de 100 mil vagas para comércio no Plano Piloto.

Eurípedes Carneiro, que ouvia as reclamações com atenção, anunciou possíveis medidas para a avalanche de problemas. Para a segurança, pretende colocar, a cada quatro quadras, um posto policial. Para os estacionamentos, quer criar o sistema de área azul (já funcionando em outros estados), onde as pessoas não podem deixar seus carros estacionados por mais de duas horas no mesmo local. No mês de junho, acredita Carneiro, deve ser feita a primeira experiência nesse sentido, no Setor Comercial Sul. Quanto à ocupação de área pública, mesmo sem nada de concreto para apresentar, a idéia do governo é baixar os preços (hoje, os poucos comerciantes que pagam desembolsam por mês cerca de R\$ 300,00, dependendo do tamanho de área invadida) para diminuir o prejuízo aos cofres públicos.